

“Liberdade, Liberdade...”

REFERÊNCIAS E CONTEXTO HISTÓRICO

ASSOCIAÇÃO TEATRO EXPERIMENTAL DO FUNCHAL

PRODUÇÃO Nº 157
Temporada Artística 2023/ 2024

“Liberdade, Liberdade...”

REFERÊNCIAS

Fonte principal - Informação bibliográfica

Título	Liberdade, liberdade Volume 12 de Repertório para um teatro actual
Autores	Luiz Francisco Rebello , Luís de Lima , Helder Costa
Editora	Prelo, 1974
Original de	Universidade de Virgínia
Digitalizado	10 fev. 2010
Número de páginas	148 páginas

“Liberdade, Liberdade”, produzido por dois homens de teatro Brasileiros, Flávio Rangel (encenador) e Millôr Fernandes (autor). Estreou-se no dia 21 de abril de 1965, no Teatro Opinião do Rio de Janeiro, sendo os seus intérpretes Paulo Autran, Nara Leão e Oduvaldo Viana Filho, com a participação especial de Tereza Raquel. A peça fez uma triunfal carreira, e foi apresentada em todo o país, batendo recordes de público, onde quer que fosse encenada. Conceberam um espetáculo composto por uma colagem de citações, poemas, canções, fragmentos de peças de várias épocas e estilos, sobre o tema da Liberdade.

“Liberdade, Liberdade” foi apresentada na Argentina, no Uruguai, no Chile, no México, na Venezuela, no Peru, em Cuba, em Israel, na França. A versão portuguesa de “Liberdade, Liberdade” estreou-se em Lisboa, no Teatro Villaret em 28 de agosto de 1974. Nela intervieram, como atores, LUIS DE LIMA (que a dirigiu e encenou), MARIA DO CÉU GUERRA e JOÃO PERRY.

Para todos esses países, Flávio Rangel e Millôr Fernandes permitiram que fossem feitas as adaptações que os responsáveis pela apresentação da peça nesses diversos países desejassem. Assim foi com o encenador Roberto Merino, o qual trouxe a sua perspectiva da obra “Liberdade, liberdade”, para uma produção do Teatro Experimental do Funchal, realizada em 1982 numa sessão privada.

Agora, em 2024, Roberto Merino foi beber dessa primeira visão que pôs em cena, acrescentando alguns subtópicos de liberdade, nomeadamente ‘Liberdade do amor’, com introdução de duas cenas de ‘Romeu e Julieta’, interpretados primeiramente por duas mulheres, depois por dois homens, salientando a importância de, agora, também as mulheres poderem estar em palco e desempenhar papéis de homem, enquanto que até inícios do século XVII, apenas os homens poderiam ser atores, interpretando papéis quer de homens, quer de mulheres. Enriqueceu ainda esta produção com uma abordagem que fez das Revoluções Mexicana e Espanhola...

MODELOS DE LIBERDADE

in "LIBERDADE, LIBERDADE, Volume 12 de Repertório para um teatro actual", de Luiz Francisco Rebello, Luís de Lima, Hélder Costa, págs. 18-20

➤ ROMA – SPARTACUS

in "LIBERDADE, LIBERDADE, Volume 12 de Repertório para um teatro actual", de Luiz Francisco Rebello, Luís de Lima, Hélder Costa, págs. 22-24

- "***Spartacus***" ("***Espártaco***"), romance de **Howard Fast**.

Em seu romance, o marxista americano Howard Fast cria um Espártaco idealizado, herói sem mácula que luta, de modo desigual, contra a cruel ordem estabelecida no mundo romano. Em seus trechos finais, o romance deriva para uma disputa pessoal entre Crasso e o gladiador pela posse de Varínia, a heroína fictícia criada por Fast.

- "***The gladiators***" ("***Espártaco***"), romance de **Arthur Koestler**.

O ex-comunista húngaro, decepcionado com os rumos da Revolução Soviética, Arthur Koestler, faz de Espártaco uma referência universal para as contradições político-sociais da luta dos oprimidos contra seus opressores. Embora ficção, sua obra busca pintar um quadro realista do mundo romano, naquela época turva que precedeu o fim da República.

Cinema e televisão

- Spartaco, filme italiano de 1952
- Spartacus, filme estadunidense de 1960, dirigido por Stanley Kubrick e com Kirk Douglas no papel principal.
- Spartacus e gli invincibili dieci gladiatori, outro filme italiano de 1964
- Spartacus, versão para a TV de 2004, estrelada por Goran Višnjić (o Dr. Luka Kovač de E.R.)
- Spartacus: Blood and Sand/ Primeira Temporada, seriado norte-americano para a TV, no ano de 2010, distribuído pela Starz! Network estrelada por Andy Whitfield.
- Spartacus: Gods of the Arena, seriado norte-americano para a TV, no ano de 2011, distribuído pela Starz! Network estrelada por Dustin Clare.
- Spartacus: Vengeance/ Segunda Temporada, seriado norte-americano para a TV, no ano de 2012, distribuído pela Starz! Network estrelada por Liam McIntyre.
- Spartacus: War of the Damned/ Terceira Temporada, seriado norte-americano para a TV, no ano de 2013, distribuído pela Starz! Network estrelada por Liam McIntyre.

Música

- Spartacus, um ballet (1950-54) com música de Aram Khachaturian
- Spartacus, um álbum conceitual lançado pela banda alemã Triumvirat em 1975.
- Espartaco, Gladiador Rei (Santuário), lançado no album SP Metal II pelo selo Baratos Afins em 1985.

➤ A MORTE DE JÚLIO CÉSAR

in “**LIBERDADE, LIBERDADE**, Volume 12 de Repertório para um teatro actual”, de Luiz Francisco Rebello, Luís de Lima, Helder Costa, págs. 25-29

Júlio César (The Tragedie of Julius Caesar, no original em inglês) é uma tragédia de **William Shakespeare**, provavelmente escrita em 1599. Retrata a conspiração contra o ditador romano Júlio César, seu assassinato e suas consequências. É uma das diversas peças romanas que ele escreveu, baseada na verdadeira história romana, que incluem também Coriolano e Antônio e Cleópatra.

Embora o título da peça seja Júlio César, César não é a personagem central de sua ação; ele aparece em apenas três cenas, e é morto no início do terceiro ato. O protagonista da peça é Marco Júnio Bruto, por fornecer um psicodrama e um conflito íntimo entre sua honra, seu patriotismo e sua amizade.

➤ ROMEU E JULIETA

Romeu e Julieta (no original em Inglês: *Romeo and Juliet*) é uma tragédia escrita entre 1591 e 1595, nos primórdios da carreira literária de **William Shakespeare**, sobre dois adolescentes cuja morte acaba unindo suas famílias, outrora em pé de guerra. A peça ficou entre as mais populares na época de Shakespeare e, ao lado de Hamlet, é uma das suas obras mais levadas aos palcos do mundo inteiro. Hoje, o relacionamento dos dois jovens é considerado como o arquétipo do amor juvenil.

Romeu e Julieta pertence a uma tradição de romances trágicos que remonta à antiguidade. Seu enredo é baseado em um conto da Itália, traduzido em versos como A Trágica História de Romeu e Julieta por Arthur Brooke em 1562, e retomado em prosa como Palácio do Prazer por William Painter em 1582. Shakespeare baseou-se em ambos, mas reforçou a ação de personagens secundários, especialmente Mercúcio e Páris, a fim de expandir o enredo. O texto foi publicado pela primeira vez num quarto de 1597, mas essa versão foi considerada como de péssima qualidade, o que estimulou muitas outras edições posteriores que trouxeram consonância com o texto original shakespeariano.

A estrutura dramática usada por Shakespeare, especialmente os efeitos de genéricos como a comutação entre comédia e tragédia para aumentar a tensão; o foco em personagens mais secundários e a utilização de sub-enredos para embelezar a história tem sido elogiada como um sinal precoce de sua habilidade dramática e maturidade artística. Além disso, a peça atribui distintas formas poéticas aos personagens para mostrar que eles evoluem; Romeu, por exemplo, fica mais versado nos sonetos à medida que a trama segue.

William Shakespeare (Stratford-upon-Avon, 23 de abril de 1564 – Stratford-upon-Avon, 23 de abril de 1616) foi um poeta, dramaturgo e ator inglês, tido como o maior escritor do idioma inglês e considerado por muitos o maior dramaturgo da história. É chamado frequentemente de poeta nacional da Inglaterra e de "Bardo do Avon" (ou simplesmente The Bard, "O Bardo"). De suas obras, incluindo aquelas em colaboração, restaram até os dias de hoje 38 peças, 154 sonetos, dois longos poemas narrativos, e mais alguns versos esparsos, cujas autorias, no entanto, são ainda disputadas. Suas peças foram traduzidas para todas as principais línguas modernas e são mais encenadas que as de qualquer outro dramaturgo. Muitos de seus textos e temas permanecem vivos até os nossos dias, sendo revisitados com frequência, especialmente no teatro, na televisão, no cinema e na literatura.

Shakespeare nasceu e foi criado em Stratford-upon-Avon, na era elizabetana, época especialmente estimulante para os artistas. Aos 18 anos casou-se com Anne Hathaway, com quem teve três filhos: Susanna e os gêmeos Hamnet e Judith. Entre 1585 e 1592 William começou uma carreira bem-sucedida em Londres como ator, escritor e um dos proprietários da companhia de teatro chamada Lord Chamberlain's Men, mais tarde conhecida como King's Men. Acredita-se que ele tenha retornado a Stratford em torno de 1613, morrendo três anos depois. Restaram poucos registros da vida privada de Shakespeare, e existem muitas especulações sobre assuntos como a sua aparência física, sexualidade, crenças religiosas, e se algumas das obras que lhe são atribuídas teriam sido escritas por outros autores.

Shakespeare produziu a maior parte de sua obra entre 1590 e 1613. Suas primeiras peças eram principalmente comédias e obras baseadas em eventos e personagens históricos, gêneros que ele levou ao ápice da sofisticação e do talento artístico ao fim do século XVI. A partir de então escreveu apenas tragédias até por volta de 1608, incluindo Hamlet, Rei Lear e Macbeth, consideradas algumas das obras mais importantes na língua inglesa. Na sua última fase, escreveu um conjunto de peças classificadas como tragicomédias ou romances, e colaborou com outros dramaturgos. Diversas peças suas foram publicadas, em edições com variados graus de qualidade e precisão, durante a sua vida. Em 1623, John Heminges e Henry Condell, dois atores e antigos amigos de Shakespeare, publicaram o chamado First Folio, uma coletânea das suas obras dramáticas que incluía todas as peças (com a exceção de duas) reconhecidas atualmente como sendo da sua autoria.

➤ **JEANNE D'ARC AU BÛCHER DE PAUL CLAUDEL**

No século XX, surge uma obra de rara beleza. Um oratório dramático chamado *Jeanne d'Arc au Bûcher*. Uma obra sóbria para orquestra, coro e dois narradores. Nem todos os personagens cantam – por exemplo, Jeanne d'Arc não canta. O oratório estreou em Basel em 12 de maio de 1938, e em Orléans em 6 de maio de 1939. Ele é composto de onze cenas, às quais em 1941 é acrescentado um Prólogo. Não é uma narrativa linear sobre Jeanne d'Arc, mas evocações das vozes que ouvia, do julgamento com suas falsas acusações, do sofrimento da guerra, da sua espada de

amor, da sua missão de unir a França. Acima de tudo, é um oratório sobre a esperança que sempre renasce mesmo em meio à guerra e à derrota.

O libreto foi escrito por **Paul Claudel** (1868-1955), diplomata, dramaturgo e poeta. Influenciado por Arthur Rimbaud na juventude, um grande marco na sua trajetória foi a conversão ao catolicismo aos 18 anos. Tornou-se um escritor e intelectual renomado, tendo sido coberto de honrarias em vida. Mas há um lado escuro na sua vida, pois parece ter abandonado a sua irmã mais velha, Camille Claudel, uma escultora de génio, após a morte do pai. Ela passou 30 anos num hospital psiquiátrico, e o irmão a visitou sete vezes durante esse período. A princípio relutante em aceitar a participação no oratório dramático, Paul Claudel acabou escrevendo o libreto de *Jeanne d'Arc au Bûcher* com grande entusiasmo.

➤ **SUPLÍCIO DE DAMIENS**

in obra *Vigiar e Punir*, de **Michel Foucault**

Em *Vigiar e Punir*, **Michel Foucault** mostra por que a Justiça deixou de aplicar torturas mortais e passou a buscar a "correção" dos criminosos.

Embora esteja longe de ser um romance, o livro *Vigiar e Punir* começa com uma narrativa eletrizante, capaz de revirar os estômagos mais sensíveis. O ano é 1757, e as ruas do centro de Paris se enchem com os gritos de "Meu Deus, tende piedade de mim! Jesus, socorrei-me!", de Robert-François Damiens, condenado por parricídio. Sentença: ter a carne dos mamilos, dos braços, das coxas e da barriga das pernas arrancada com tenazes; a mão direita (segurando a faca que serviu como arma do crime) queimada com fogo de enxofre; as feridas cobertas com chumbo derretido, óleo fervente, piche, cera quente e enxofre; o corpo puxado e desmembrado por quatro cavalos; o cadáver reduzido a cinzas e elas espalhadas aos quatro ventos.

Se acha que a coisa não podia ficar pior para o pobre Damiens, saiba que as tenazes, embora afiadas, não foram suficientes para arrancar a carne com facilidade, levando o carrasco a dar vários puxões antes de conseguir, e que os cavalos sozinhos não puderam desmembrar o criminoso: o jeito foi usar uma faca para cortar a carne do sujeito quase até o osso, de maneira que os puxões finalmente pudessem arrancar braços e pernas. Dizem que ele ainda estava vivo quando o tronco foi jogado na fogueira.

Michel Foucault (Poitiers, 15 de outubro de 1926 – Paris, 25 de junho de 1984) foi um filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário e professor da cátedra História dos Sistemas do Pensamento, no célebre Collège de France, de 1970 até 1984 (ano da sua morte). Suas teorias abordam a relação entre poder e conhecimento e como eles são usados como uma forma de controle social por meio de instituições sociais. Embora muitas vezes seja citado como um pós-estruturalista e pós-modernista, Foucault acabou rejeitando esses rótulos, preferindo classificar o seu pensamento como uma história crítica da modernidade. O seu pensamento foi muito influente tanto para grupos acadêmicos, quanto para ativistas.

Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão (em francês: *Surveiller et Punir: Naissance de la prison*) é um livro do filósofo francês **Michel Foucault**, publicado, originalmente, em 1975 pelas Edições Gallimard. A obra é considerada revolucionária porque conseguiu modificar o modo de pensar e fazer política social no mundo ocidental.

De caráter ensaísta, o texto traz um exame minucioso dos mecanismos sociais e teóricos que motivaram as grandes mudanças que se produziram nos sistemas penais ocidentais durante a era moderna. É dedicado à análise da vigilância e da punição, que se encontram em várias entidades estatais (hospitais, prisões e escolas). Embora baseado em documentos históricos franceses, as questões sobre as quais se debruça são relevantes para as sociedades contemporâneas. É uma obra seminal que teve grande influência em intelectuais, políticos, ativistas sociais e artistas.

Foucault muda a ideia habitualmente aceita de que a prisão é uma forma humanista de cumprir pena, assinalando seis princípios sobre os quais assenta o novo poder de castigar:

- Regra da quantidade mínima;
- Regra da idealidade suficiente;
- Regra dos efeitos (co)laterais;
- Regra da certeza perfeita;
- Regra da verdade comum;
- Regra da especificação ideal.

A partir destas, o delinquente pode ser definido em oposição ao cidadão normal, primeiro como louco, depois como meliante, malvado, e finalmente como anormal.

O livro tem quatro partes, intituladas "Suplício", "Punição", "Disciplina" e "Prisão" e mais um pouco.

Foucault inicia o livro expondo o contraste entre duas formas de punição:

1. O suplício público, violento e caótico, de Robert-François Damiens, condenado por (tentativa de) regicídio, contra Luís XV de França, no final do século XVIII.

A resposta é procurada em um exame da tortura pública em si. Sustenta o autor que este tipo de espetáculo constituía um tipo de "teatro em praça pública" que correspondia a diversas funções e efeitos (desejados e indesejados) na sociedade.

As funções desejadas eram:

- Refletir a violência do delito sobre o corpo do condenado, à vista de todos;
- Por em ato a vingança do soberano – lesado pelo crime (apenas idealmente, e excluído o caso do regicídio) – sobre o corpo do culpado. A tese de Foucault é que a lei era considerada uma extensão do corpo do soberano, portanto era totalmente lógico que a vingança encarnasse na violação da integridade física (corpo) do condenado.

Alguns dos "efeitos colaterais" (naturalmente indesejados) eram:

- Fornecer ao corpo do condenado um palco cénico sobre o qual receber simpatia e admiração;
- Transformar o corpo do condenado num "campo de batalha" entre a massa e o soberano. O autor observa, a propósito, que muitas vezes as execuções terminavam em tumultos em apoio ao condenado.

Portanto, conclui Foucault, a execução pública se revelava improdutiva e antieconômica. Além disso essa era aplicada em modo heterogêneo, irracional e quase casual. Consequentemente o seu custo político era muito alto. Era a antítese dos mais modernos interesses do Estado: ordem e generalização.

➤ REVOLUÇÃO FRANCESA

in **"LIBERDADE, LIBERDADE, Volume 12 de Repertório para um teatro actual"**, de Luiz Francisco Rebello, Luís de Lima, Helder Costa, págs. 54-62

Personagens históricas mencionadas na Revolução Francesa:

Jean Paul Marat, Georges Jacques Danton e Maximilien François Marie Isidore de Robespierre foram políticos importantes personalidades da Revolução Francesa (ciclo revolucionário, ocorrido entre 1789 e 1799)

Joseph-Ignace Guillotin, médico francês que propôs, em 10 de outubro de 1789, o uso de um dispositivo mecânico para realizar as penas de morte na França. Embora não tenha inventado a guilhotina e, na verdade, era contrário à pena de morte. Nascimento: 28 de maio de 1738, Saintes, França - Falecimento: 26 de março de 1814, Paris, França.

➤ AS MULHERES E A REVOLUÇÃO FRANCESA

Personagens históricas mencionadas na Revolução Francesa:

Olympe de Gouges, Marie-Anne Charlotte de Corday d'Armont, Germaine de Stael, Pauline Léon e Théroigne de Méricourt, mulheres e intelectuais francesas no período revolucionário na sua maioria foram guilhotinadas ou purgadas no período pós-revolução.

➤ REVOLUÇÃO MEXICANA

A Revolução Mexicana foi um conflito armado que começou em 1910, como resultado do descontentamento popular para com a ditadura de Porfírio Díaz, e que se transformou numa guerra civil que radicalmente alterou as estruturas políticas e sociais do México.

Durante esse movimento, houve muitos personagens que até hoje são lembrados pelas suas façanhas e a sua participação na Revolução Mexicana; no entanto, entre todas as pessoas que participaram, algumas se destacaram mais do que outras, nomeadamente as 'Adelitas'. As mulheres apelidadas de Adelitas cuidaram dos feridos, atuaram como espias, forneceram alimentos para os

acampamentos, protegeram a honra das jovens e levantaram-se contra a injustiça social que oprimia os trabalhadores rurais. Da mesma forma, exigiram os seus direitos como mulheres e cidadãs do México. Em situações necessárias, as Adelitas também se uniram à luta e tiveram que empunhar armas de fogo para participar do conflito.

'**La Adelita**' é o nome da famosa canção inspirada em Adela. Foi ela quem inspirou o compositor e sargento, Antonio del Rio Armenta, que pertencia às tropas de Villa, a escrever essa música icónica que perdura até hoje. É uma canção folclórica mexicana surgida durante a revolução. Narra a estória da paixão de uma jovem por um sargento:

*En lo alto de una abrupta serranía
Acampado se encontraba un regimiento
Y una moza que valiente los seguía
Locamente enamorada del sargento*

*Popular entre la tropa era Adelita
La mujer que el sargento idolatraba
Porque a más de ser valiente, era bonita
Que hasta el mismo coronel la respetaba*

*Y se oía
Que decía
Aquel tanto la quería*

*Y si Adelita quisiera ser mi novia
Y si Adelita fuera mi mujer
Le compraría un vestido de seda
Para llevarla a bailar al cuartel*

*Y si acaso, yo muero en la guerra
Y mi cadáver lo van a sepultar
Adelita, por Dios, te lo ruego
Que por mí, no vayas a..., llorar!*

➤ **GUERRA CIVIL ESPANHOLA – Miguel de Unamuno**

in "**LIBERDADE, LIBERDADE**, Volume 12 de Repertório para um teatro actual", de Luiz Francisco Rebello, Luís de Lima, Helder Costa, págs. 101-105

'**Si me quieres escribir**', também conhecida como *Ya sabes mi paradero* e *El frente de Gandesa*, é uma das canções da Guerra Civil Espanhola mais famosas e conhecidas, composta durante a Batalha do Ebro, em 1938. A melodia foi baseada numa antiga

canção das unidades militares espanholas que combateram na Guerra do Rife, ao norte do Marrocos, na década de 1920.

*Si me quieres escribir
Ya sabes mi paradero
Si me quieres escribir
Ya sabes mi paradero
En el frente de batalla, primera línea de fuego
En el frente de batalla, primera línea de fuego*

*Si tú quieres comer bien, barato y de buena forma
Si tú quieres comer bien, barato y de buena forma
En el frente de batalla, allí tienen una fonda
En el frente de batalla, allí tienen una fonda*

➤ **Miguel de Unamuno y Jugo**

Miguel de Unamuno y Jugo (Bilbau, 29 de setembro de 1864 – Salamanca, 31 de dezembro de 1936) foi um ensaísta, romancista, dramaturgo, poeta e filósofo espanhol. Foi também Congresso dos Deputados de 1931 a 1933 pela região de Salamanca. É o principal representante espanhol do existencialismo cristão, sendo conhecido principalmente por sua obra “O sentimento trágico da vida”, que lhe valeu a condenação do Santo Ofício. Foi reitor da Universidade de Salamanca três vezes; a primeira em 1902 e a última, de 1931 até sua demissão, em 22 de outubro de 1936, por ordem de Franco. Passou seus últimos dias de vida em prisão domiciliar. O incidente na Universidade de Salamanca ocorreu a 12 de outubro de 1936, passados apenas três meses desde o início da guerra civil, durante o ato de abertura do ano letivo no salão nobre da universidade, ato presidido por Unamuno, na condição de reitor da referida instituição.

Unamuno apoiava Franco porque considerava necessário levar ordem à anarquia criada pela Frente Popular, e naquele dia ele representava o general Franco no evento. O governo republicano liderado por Manuel Azaña Díaz havia retirado a Unamuno a qualidade de reitor perpétuo da Universidade de Salamanca e o governo franquista tinha-o reconduzido.

Em certo momento, um dos oradores (Francisco Maldonado de Guevara) lançou um candente ataque contra a Catalunha e o País Basco, qualificando-os de "anti-Espanha e de tumores no sadio corpo da nação" e asseverando que "o fascismo redentor da Espanha saberá como exterminá-los, cortando na própria carne, como um decidido cirurgião, livre de falsos sentimentalismos". Concluiu elogiando o papel do exército, que se havia empenhado numa nova e verdadeira cruzada nacional e afirmando que catalães e bascos "exploradores do homem e do nome da Espanha [...] estão vivendo até agora, em meio a este mundo necessitado e miserável do pós-guerra, em um paraíso de fiscalidade e de altos salários, às custas do povo espanhol".

Em sequência, alguém na plateia teria gritado o lema da Falange — "Viva la muerte!" — ao que Millán-Astray, general falangista também presente ao ato, respondeu com um costumeiro rept: "Espanha!". A plateia respondeu "Unida!". Ele repetiu "Espanha!" e a massa replicou "Grande!". Millán-Astray exclamou pela terceira vez "Espanha!" e a multidão gritou "Livre!". Nesse ponto um grupo uniformizado com camisas azuis da Falange entrou no recinto e fez uma saudação oficial — braço direito ao alto — ao retrato de Franco pendente em uma parede.

Não se tem registro escrito do exato conteúdo da intervenção de Unamuno que sucedeu a esses fatos. O que existe são várias reconstruções. Uma das mais extensas é a versão de Luis Gabriel Portillo, publicada na revista *Horizon* em 1941.

➤ PABLO NERUDA – EXPLICO ALGUMAS COISAS

Pablo Neruda (Ricardo Eliecer Neftalí Reyes Basoalto) nasceu em 12 de julho de 1904, em Parral, no Chile. Logo ficou órfão de mãe. Anos depois, mudou-se para Temuco, onde estudou no Liceu de Homens, entre 1910 e 1920. Em 1917, publicou, no periódico *La Mañana*, o seu primeiro texto, o artigo "Entusiasmo e perseverança".

No ano seguinte, publicou o poema "Meus olhos" na revista *Corre-Vuela*, de Santiago. Era o início de sua carreira como poeta. Assim, em 1919, seu poema "Noturno ideal" alcançou o terceiro lugar nos Jogos Florais de Maule. Só em 1920 que o autor passou a utilizar o pseudônimo de Pablo Neruda, pelo qual seria mundialmente conhecido.

Em 1921, vivendo em Santiago, começou a estudar francês no Instituto Pedagógico da Universidade do Chile. Dois anos depois, publicou seu primeiro livro de poesias — *Crepusculario* —, além de escrever para as revistas *Dionysios* e *Claridad*. Em 1924, publicou seu famoso livro, *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada*.

A carreira diplomática teve início em 1927. Em sua viagem até a Birmânia, passou pelos seguintes países: Argentina, Portugal, Espanha e França. Começou a escrever crônicas para o jornal chileno *La Nación*. Três anos depois, casou-se com María Antonieta Hagenaar Vogelzang, relacionamento que teve fim em 1936.

O escritor foi eleito senador no Chile em 1945. Nesse mesmo ano, ganhou o Prêmio Nacional de Literatura, ingressou no Partido Comunista e viajou ao Brasil. Em São Paulo, esteve presente em uma homenagem a Luís Carlos Prestes (1898-1990), e, no Rio de Janeiro, foi recebido na Academia Brasileira de Letras.

Já em 1946, foi condecorado com a Ordem da Águia Asteca, no México. Contudo, em 1948, sua prisão foi decretada no Chile, por questões políticas. Permaneceu na clandestinidade até o ano seguinte, quando conseguiu sair do país, ao qual só voltou em 1952, após receber o Prêmio Internacional da Paz, em 1950.

O poeta se separou de sua segunda companheira, Delia de Carril, em 1955, e passou a viver com Matilde Urrutia (1912-1985), principal inspiração para o seu livro *Cem sonetos de amor*. Dez anos depois, recebeu, da Universidade de Oxford, o título de doutor honoris causa, e, em 1971, o Prêmio Nobel de Literatura. Faleceu dois anos depois, em 23 de setembro de 1973, em Santiago, no Chile.

Características literárias de Pablo Neruda

Pablo Neruda é um **autor da geração de 1920 da literatura chilena**. Suas obras são marcadas por um **tom melancólico e saudosista**. É perceptível, também, o **erotismo associado à temática amorosa**. No entanto, o poeta não empreende a fuga da realidade. Além de trabalhar com elementos do cotidiano, faz **crítica sociopolítica** e enaltece a cultura latino-americana.

in <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/pablo-neruda.htm>

Espanha no coração: hino às glórias do povo na guerra é uma coletânea de poemas do poeta chileno **Pablo Neruda**, que expõe os horrores da guerra civil espanhola, e onde também apresenta sua posição como republicano. Neste livro ele mostra a sua face de poeta combatente e idealista. O livro é composto por 23 poemas de diferentes comprimentos, de entre os quais '*Explico algunas cosas*'

[EXPLICO ALGUMAS COISAS]

Perguntarão: e onde estão os lilases?
E a metafísica coberta de amapolas?
E a chuva que pouquinho golpeava
suas palavras enchendo-as
de buracos e pássaros?

Vou contar-te tudo o que me passa.

Eu vivia em um bairro
de Madrid, com sinos,
com relógios, com árvores.

Dali se via
o rosto seco de Castela
como um oceano de couro.

Minha casa era chamada
a casa das flores porque em toda parte
estalavam gardêneas: era
uma bela casa
com cães e crianças.

Recordas, Rafael? Raul, recordas?

Recordas, Rafael? Federico, te recordas
debaixo da terra,
te recordas da minha casa com sacadas onde
as luzes de junho afogavam flores na sua boca?
Irmão, irmão!

Tudo
eram grandes vozes, sal de mercadorias,
aglomerações de pão palpitante,
mercados do meu bairro de Argüelles com a sua estátua
como um tinteiro pálido entre as bebedeiras:
o azeite enchia as colheres,
uma profunda batida
de pés e mãos enchia as ruas,
metros, litros, essência

aguda da vida,
peixes amontoados,
com textura de tetos com sol frio no qual
a flecha se fatiga,
delirante marfim fino das batatas,
tomates repetidos até o mar.

E uma manhã tudo estava ardendo
e uma manhã as fogueiras
saíam da terra
devorando seres
e desde então sangue.
Bandidos com aviões e com mouros
bandidos com anéis e duquesas
bandidos com frades negros e benzendo
vinham, pelo céu, matar crianças
e pelas ruas o sangue das crianças
corria simplesmente, como sangue de criança.

Chacais que o chacal rechaçaria,
pedras que o cardo seco morderia cuspendo,
víboras que as víboras odiariam!

Diante de vocês vi o sangue
da Espanha levantar-se
para afoga-los numa só onda
de orgulho e de punhais!

Generais
traidores:
olhem minha casa morta,
olhem a Espanha arrebetada:
mas de cada casa morta sai metal ardendo
em vez de flores,
mas de cada buraco da Espanha
sai Espanha,
mas de cada menino morto sai um fuzil com olhos,
mas de cada crime nascem balas
que lhes encontrarão um dia o lugar
do coração.

Perguntarão porque a sua poesia
não nos fala do sonho, das folhas,
dos grandes vulcões do seu país natal?

Venham ver o sangue pelas ruas,
venham ver
o sangue pelas ruas,
venham ver o sangue
pelas ruas!

➤ **CAROLINA BEATRIZ ÂNGELO**

in <https://www.parlamento.pt/Parlamento/Paginas/Carolina-Beatriz-Angelo.aspx>

Carolina Beatriz Ângelo, médica, republicana e sufragista, foi a primeira mulher a votar em Portugal, nas eleições realizadas para a Assembleia Nacional Constituinte, no dia 28 de maio de 1911.

O código eleitoral determinava o direito de voto a “todos os portugueses maiores de vinte e um anos, à data de 1 de maio do ano corrente [1911], residentes em território nacional, compreendidos em qualquer das seguintes categorias:

- 1.º Os que souberem ler e escrever;
- 2.º Os que forem chefes de família (...).”

Com formação superior e chefe de família, sendo viúva, Carolina Beatriz Ângelo reunia as condições para votar, uma vez que a lei não especificava que apenas os cidadãos do sexo masculino tinham capacidade eleitoral.

Após a rejeição pela Comissão de Recenseamento e pelo Ministério do Interior do seu requerimento para ser incluída nos cadernos eleitorais, recorreu para tribunal, onde obteve sentença favorável. O juiz responsável, João Baptista de Castro, era pai de Ana de Castro Osório.

in <https://www.parlamento.pt/Parlamento/Paginas/Carolina-Beatriz-Angelo.aspx>

➤ ESTATUTOS DO HOMEM

in “LIBERDADE, LIBERDADE, Volume 12 de Repertório para um teatro actual”, de Luiz Francisco Rebello, Luís de Lima, Helder Costa, págs. 30-35

O poema “Os Estatutos do Homem”, escrito por Thiago de Mello em 1964, decretou a esperança como a mais sublime obrigação humana. O texto afirma valores como a fé no futuro, a alegria e a vocação pela paz, ultrapassando fronteiras e inspirando milhões. Os Estatutos estabelecem um mundo onde os homens confiam uns nos outros e vivem em harmonia. Um dos poemas mais conhecidos da literatura brasileira, tem como tema fundamental a defesa da liberdade, da esperança e da justiça. O texto se destaca na obra do poeta pelo seu significado histórico e pela beleza poética. É também um dos poemas mais traduzidos da nossa literatura.

Poema: Os Estatutos do Homem

(Ato Institucional Permanente)

Artigo I

Fica decretado que agora vale a verdade.
agora vale a vida,
e de mãos dadas,
marcharemos todos pela vida verdadeira.

Artigo II

Fica decretado que todos os dias da semana,
inclusive as terças-feiras mais cinzentas,
têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

Artigo III

Fica decretado que, a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito
a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,
abertas para o verde onde cresce a esperança.

Artigo IV

Fica decretado que o homem
não precisará nunca mais
duvidar do homem.
Que o homem confiará no homem
como a palmeira confia no vento,
como o vento confia no ar,
como o ar confia no campo azul do céu.

Parágrafo único:

O homem, confiará no homem
Como um menino confia em outro menino.

Artigo V

Fica decretado que os homens
estão livres do jugo da mentira.
Nunca mais será preciso usar
a couraça do silêncio
nem a armadura de palavras.
O homem se sentará à mesa
com seu olhar limpo
porque a verdade passará a ser servida
antes da sobremesa.

Artigo VI

Fica estabelecida, durante dez séculos,
a prática sonhada pelo profeta Isaías,
e o lobo e o cordeiro pastarão juntos

e a comida de ambos terá o mesmo gosto de aurora.

Artigo VII

Por decreto irrevogável fica estabelecido
o reinado permanente da justiça e da claridade,
e a alegria será uma bandeira generosa
para sempre desfraldada na alma do povo.

Artigo VIII

Fica decretado que a maior dor
sempre foi e será sempre
não pode dar-se amor a quem se ama
e saber que é a água
que dá à planta o milagre da flor.

Artigo IX

Fica permitido que o pão de cada dia
tenha no homem o sinal de seu suor.
Mas que sobretudo tenha
sempre o quente sabor da ternura.

Artigo X

Fica permitido a qualquer pessoa,
qualquer hora da vida,
uso do traje branco.

Artigo XI

Fica decretado, por definição,
que o homem é um animal que ama
e que por isso é belo,
muito mais belo que a estrela da manhã.

Artigo XII

Decreta-se que nada será obrigado
nem proibido,
tudo será permitido,
inclusive brincar com os rinocerontes
e caminhar pelas tardes
com uma imensa begônia na lapela.

Parágrafo único:
Só uma coisa fica proibida:
amar sem amor.

Artigo XIII
Fica decretado que o dinheiro
não poderá nunca mais comprar
o sol das manhãs vindouras.
Expulso do grande baú do medo,
o dinheiro se transformará em uma espada fraternal
para defender o direito de cantar
e a festa do dia que chegou.

Artigo Final.
Fica proibido o uso da palavra liberdade,
a qual será suprimida dos dicionários
e do pântano enganoso das bocas.
A partir deste instante
a liberdade será algo vivo e transparente
como um fogo ou um rio,
e a sua morada será sempre
o coração do homem.

Amadeu Thiago de Mello (Barreirinha, 30 de março de 1926 — Manaus, 14 de janeiro de 2022) foi um poeta, jornalista e tradutor brasileiro. Foi considerado um dos poetas mais influentes e respeitados no país, reconhecido como um ícone da literatura regional.

Após concluir seus estudos iniciais em escolas amazonenses, ingressou na graduação em medicina na Faculdade Nacional de Medicina no Rio de Janeiro, mas abandonou o curso na metade, ingressando na diplomacia na década de 1950. Foi adido cultural na Bolívia e no Chile, mas teve sua carreira interrompida pelo golpe de 1964. Durante a ditadura (1964-1985) foi preso e depois se exilou no Chile, onde encontrou Pablo Neruda, um amigo e colaborador.

No exílio, também morou na Argentina, Portugal, França e Alemanha. Com o fim do regime militar, voltou à sua cidade natal e depois se mudou para Manaus, onde viveu até sua morte. Seu poema mais conhecido é Os Estatutos do Homem, onde o poeta chama a atenção do leitor para os valores simples da natureza humana.

REVOLTA E MOTINS POPULARES NA MADEIRA (MOTIM DOS PROFETAS, MOTIM DA ÉPOCA FILIPINA, REVOLTA DA PEDRADA, MOTIM DA JUNTA DAS PARÓQUIAS - MOTIM DA PARRECA, MOTIM CÓLERA MORBUS, REVOLTA DA FARINHA, REVOLTA DA MADEIRA):

* Revolta da Madeira, Elisa Brasão e Manuela Abreu, Funchal, DRAC, 1994, ilha da Madeira

REVOLTA DO LEITE:

* Um artigo sobre esta Revolta, de Rui Nepomuceno: NEPOMUCENO, Rui, História da Madeira. Uma Visão Actual, Porto, Campo das Letras, 2006;

* umas cópias/resumo, de Alberto Vieira, dados pelo Dr. Jardim, assim como vários "apontamentos" online *Revolta do Leite - João Abel de Freitas.

* Consultas e notas sobre o tema no Arquivo e na Biblioteca Municipal.

* Artigos de jornais...

* Elucidário Madeirense ...

* História da Madeira de Rui Carita.

* A Revolta da Madeira de Maria Elsa de França Brazão e Maria Manuela Abreu

* Saudades da Terra...de Gaspar Frutuoso.

* Mais alguns livros e ou outros documentos:

- Revista Islenha, nº17

- Subsídios para a História do Concelho de São Vicente do Historiador e Investigador Alberto Vieira e outros livros e documentos do CEHA...

- As Ilhas de Zarco de Eduardo C. N. Pereira, 4 edição

De notar que o que passou para o espetáculo LIBERDADE corresponde a metade do projeto elaborado pela Margarida Jardim, Eduardo Luíz e Filipe Luz: REVOLTAS E MOTINS NO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA

➤ **REVOLUÇÃO DO 25 DE ABRIL**

GRANDOLA VILA MORENA, Zeca Afonso

Grândola, Vila Morena
Terra da fraternidade
O povo é quem mais ordena
Dentro de ti, ó cidade

Dentro de ti, ó cidade
O povo é quem mais ordena
Terra da fraternidade
Grândola, Vila Morena

Em cada esquina, um amigo
Em cada rosto, igualdade
Grândola, Vila Morena
Terra da fraternidade

Terra da fraternidade
Grândola, Vila Morena

Em cada rosto, igualdade
O povo é quem mais ordena

À sombra duma azinheira
Que já não sabia a idade
Jurei ter por companheira
Grândola, a tua vontade

Grândola, a tua vontade
Jurei ter por companheira
À sombra duma azinheira
Que já não sabia a idade

Grândola, Vila Morena é um poema e canção composta e cantada por José Afonso, sendo escolhida pelo Movimento das Forças Armadas (MFA) como segundo sinal para colocar os militares revoltosos em marcha, iniciando a Revolução de 25 de Abril de 1974. A canção, revolucionária desde cedo, se tornou o hino da Revolução. Foi escrita e gravada em outubro de 1971, após uma visita à Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense de Grândola, no Alentejo. A canção saiu no álbum *Cantigas do Maio* com a direção de José Mário Branco, gravado em Hérouville, na França, que saiu em dezembro desse ano. Apesar de não ser inicialmente concebida como uma canção de protesto, as mudanças feitas na altura da gravação atribuíram-lhe uma mensagem altamente política no contexto da ditadura do Estado Novo. A Grândola, Vila Morena tornou-se um símbolo da luta popular e um património nacional, conhecida pela vasta sociedade portuguesa.

José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos (Aveiro, 2 de agosto de 1929 — Setúbal, 23 de fevereiro de 1987), foi um cantor e compositor português. É também conhecido pelo diminutivo familiar de Zeca Afonso, apesar de nunca ter utilizado este nome artístico. É o autor de Grândola, Vila Morena que foi utilizada pelo Movimento das Forças Armadas para confirmar que a Revolução do 25 de Abril estava em marcha.

De 1962 a 1968 em que Zeca inicia o seu período musicalmente mais rico, criando as primeiras músicas de intervenção. É nesse período que conhece o seu amigo e guitarrista Rui Pato, um jovem estudante de Medicina, com quem grava 49 temas e percorre todo o país em dezenas de espetáculos em coletividades operárias, associações de estudantes, cineclubes, por toda a parte onde era chamado para utilizar a sua canção como arma contra a ditadura salazarista.

Em 1963 são editados os primeiros temas de carácter vincadamente político, *Os Vampiros* e *Menino do Bairro Negro* — o primeiro contra a opressão do capitalismo, o segundo, inspirado na miséria do Bairro do Barredo, no Porto — integravam o disco *Baladas de Coimbra*, que viria a ser proibido pela Censura.[6][14] *Os Vampiros*, juntamente com *Trova do Vento que Passa* (um poema de Manuel Alegre, musicado por António Portugal e cantado por Adriano Correia de Oliveira) viriam a tornar-se símbolos de resistência anti Salazarista da época.

Entre 1965 e 1967 é professor no Liceu Pêro de Anaiá, na cidade da Beira, e em Lourenço Marques. Colabora com um grupo de teatro local, musicando uma peça de Bertolt Brecht, *A Exceção e a Regra*. Manifesta-se contra o colonialismo, o que lhe causa problemas com a PIDE, a polícia política do Estado Novo. Em 1971 edita *Cantigas do Maio*, no qual surge *Grândola, Vila Morena*, que acaba por interpretar pela primeira vez num concerto celebrado a 10 de Maio de 1972

na residência universitária Burgo das Nações, hoje Auditório da Galiza, em Santiago de Compostela. Ao mesmo tempo, começa a dedicar-se ao canto, e apoia várias instituições populares, enquanto que continua a sua carreira política na Liga de Unidade e Acção Revolucionária. Entre Abril e Maio de 1973 esteve detido no Forte–prisão de Caxias pela PIDE/DGS.

Após a Revolução de 25 de Abril de 1974, acentua a sua defesa da liberdade, tendo realizado várias sessões de apoio a diversos movimentos, em Portugal e no estrangeiro; retoma, igualmente, a sua função de professor. Continuou a cantar, gravando o LP Coro dos Tribunais, ao mesmo tempo que se envolve em numerosas sessões do Canto Livre Perseguido, bem como nas campanhas de alfabetização do MFA. A sua intervenção política não para, tornando-se um admirador do período do PREC. Os seus últimos espetáculos terão lugar nos coliseus de Lisboa e do Porto, em 1983, numa fase avançada da sua doença (esclerose lateral amiotrófica). No final desse mesmo ano é-lhe atribuída a **Ordem da Liberdade** por Ramalho Eanes, mas o cantor recusa a distinção.

O 25 de abril nas palavras da poetisa **Sophia de Mello Breyner**

Abr 24, 2018 | Arquivo Agenda - Notícias |

25 de Abril

Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo

Sophia de Mello Breyner Andresen e sua resistência ao Salazarismo, governo ditatorial que se instaurou em Portugal no ano de 1926 e que teve seu fim em 1968. Sophia era contra o regime e procurava denunciar, através de seus poemas, as repressões e censuras praticadas contra o povo. O trabalho está dividido em cinco partes, sendo elas: Introdução, Fundamentação Teórica, que se subdivide em: A definição de repressão e liberdade nos poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen, A repressão e denúncia nos poemas de Sophia Andresen e A busca por justiça nos poemas de Sophia Andresen e, por último, Considerações Finais. A metodologia utilizada é de cunho bibliográfico na qual serão utilizados livros e artigos sobre Sophia e sua vida política, assim bem como a resistência e sua busca pela liberdade.

In:file:///C:/Users/DOIT/Downloads/lepidus,+23.+A+resist%C3%A0ncia+%C3%A0+ditadura+nos+poemas+de+Sophia+de+Mello+Breyner+Andresen.pdf

Sofia Mello Breyner Andresen GColSE • GCIH (Porto, 6 de novembro de 1919 – Lisboa, 2 de Julho de 2004) foi uma das mais importantes poetisas portuguesas do século XX. Foi a primeira mulher portuguesa a receber o mais importante galardão literário da língua portuguesa, o Prémio Camões, em 1999. O seu corpo está no Panteão Nacional desde 2014 e tem uma biblioteca com o seu nome em Loulé.

Em 1964 recebeu o Grande Prémio de Poesia pela Sociedade Portuguesa de Escritores pelo seu livro Livro sexto. Já depois da Revolução de 25 de Abril, foi eleita para a Assembleia Constituinte, em 1975, pelo círculo do Porto numa lista do Partido Socialista, enquanto o seu marido navegava rumo ao Partido Social Democrata.

Distinguiu-se também como contista (Contos Exemplares) e autora de livros infantis (A Menina do Mar, O Cavaleiro da Dinamarca, A Floresta, O Rapaz de Bronze, A Fada Oriana, etc.). Foi também tradutora de Dante Alighieri e de Shakespeare e membro da Academia das Ciências de Lisboa. Para além do Prémio Camões, foi agraciada com um Doutoramento Honoris Causa em 1998 pela Universidade de Aveiro^[7] e também foi distinguida com o Prémio Rainha Sofia, em 2003.

De modo geral, o universo temático da Autora é abrangente e pode ser representado pelos seguintes pontos resumidos:

- A busca da justiça, do equilíbrio, da harmonia e a exigência do moral;
- Tomada de consciência do tempo em que vivemos.

A poetisa Sophia de Mello Breyner Andresen foi um dos rostos de resistência à ditadura e também deputada pelo Partido Socialista (PS) na Assembleia Constituinte. O poema “Esta Gente”, fora divulgado na obra “Geografia”, oitavo livro de poesia publicado pela Edições Ática.

“Liberdade, Liberdade...”

CONTEXTO HISTÓRICO

ROMA – SPARTACUS

Espártaco (ou Spartacus, em latim) foi um famoso escravo que viveu entre a civilização romana e contra ela se rebelou, comandando uma revolta que agrupou cerca de 70 mil escravos. Durante três anos, entre 73 e 71 a.C., Espártaco e seus seguidores enfrentaram várias legiões do exército romano, vencendo-as em vários momentos.

A revolta do gladiador Espártaco permanece como a mais bem-sucedida rebelião de escravos da história de Roma. Conhecida como a Terceira Guerra Servil, foi a última das três grandes revoltas de escravos que Roma reprimiu. A história de Espártaco tem sido contada por historiadores, romancistas e cineastas até os dias atuais, inclusive numa popular série de TV, mas a admiração pelo herói deste conflito não é nova. Karl Marx destacou em certa ocasião, numa carta a Engels, que Espártaco contava-se entre os maiores, se não o maior, herói do mundo antigo, e o considerava como um exemplo a ser seguido (Volume 41, 265). O famoso filme de Stanley Kubrick, ***Spartacus***, lançado em 1960 e baseado num romance de Howard Fast, o retratava como um combatente pela liberdade, liderando seu povo contra o opressivo sistema da escravidão romana. Cada retrato posterior do gladiador rebelde tem seguido mais ou menos este padrão.

O verdadeiro Espártaco, no entanto, não era um revolucionário proto-marxista ou um herói lutando pela liberdade do seu povo; era simplesmente um homem que decidiu se libertar após suportar o bastante da instituição romana da escravidão. A revolta de Espártaco começou, mais ou menos, como um acidente; o plano original dos gladiadores, conforme o

historiador Plutarco (c. 45-120 d.C.), era simplesmente escapar. Uma vez que o plano foi descoberto, porém, eles não tinham outra escolha a não ser lutar por sua liberdade ou se submeter à execução.

A REVOLTA DE ESPÁRTACO COMEÇOU, MAIS OU MENOS, COMO UM ACIDENTE; O PLANO ORIGINAL DOS GLADIADORES, CONFORME O HISTORIADOR PLUTARCO, ERA SIMPLEMENTE ESCAPAR DA ESCRAVIDÃO.

As verdadeiras motivações por trás da rebelião, porém, não reduzem em nada seus feitos. Elas se tornaram irrelevantes a partir do século XIX, quando, na França, o gladiador foi elevado ao status icônico de inimigo da opressão e campeão da liberdade. As terríveis condições de vida dos escravos da Roma antiga têm sido desde então comparadas a qualquer grupo oprimido e Espártaco é o herói mais reconhecido do mundo antigo para servir como um símbolo. Em 73 a.C., contudo, ele aparentemente não tinha outras motivações a não ser a de escapar da punição dos seus senhores.

In World History Encyclopedia

A MORTE DE JÚLIO CÉSAR

Em 15 de março de 44 a.C., Júlio César foi assassinado durante a reunião do Senado, em Roma. Gozando de enorme prestígio militar e popularidade, César estava, havia cinco anos, no poder de Roma tendo, inclusive, recebido do Senado o cargo de “ditador”, a mais alta magistratura extraordinária da República Romana. Para seus opositores, o poder centralizado de César sinalizava sua pretensão em ser aclamado rei e, portanto, trair os ideais republicanos. Conspiraram, então, a sua morte. Entre os conspiradores estava Marcus Junius Brutus, sobrinho de César. César foi esfaqueado até a morte. Mas seus assassinos não ficaram impunes.

César modernizou a administração de Roma e fez reformas políticas e sociais (extensão do direito de voto, concessão de terras aos legionários, novo calendário por exemplo) que lhe deram maior prestígio político. Em 44 a.C., o Senado nomeou-o ditador perpétuo (o cargo era, até então, temporário).

Os poderes de César incomodaram seus inimigos que passaram a buscar motivos para derrubá-lo do poder. Seu relacionamento com Cleópatra, a rainha do Egito com quem tivera um filho, Cesário, era motivo de escândalo. Ao lado da amante, César aceitara, por um momento, o título de “filho de Amon” provocando rumores de estava traíndo Roma com uma “bárbara”.

Em 15 de fevereiro de 44 a.C., outro escândalo: por ocasião da festa da Lupercália, Marco Antônio, o fiel comandante de cavalaria, colocou na cabeça de César o diadema dos reis gregos. A multidão protestou e o ditador retirou a coroa mandando-a para o templo de Júpiter. Não adiantou: a coroa na cabeça foi interpretada pela oposição senatorial como sinal de que César pretendia ser aclamado rei de Roma e que isso aconteceria na próxima reunião do Senado marcada para os idos de março (metade do mês) de 44 a.C. Um grupo de senadores aristocratas conspirou a morte do ditador, entre eles estava Marcus Junius Brutus, sobrinho de César, e Cássio, o ex-chefe da frota de seu inimigo Pompeu. César foi alertado por amigos que corria risco de vida, inclusive por sua esposa Calpúrnia que tentou convencê-lo de não ir ao encontro dos senadores. Mas ninguém conseguiu detê-lo. Ao chegar ao Senado, os conspiradores já estavam todos reunidos à sua espera. Segundo Plutarco e Suetônio, os senadores se aproximaram e um deles provocou César agarrando-o pela toga. Era o sinal. Plutarco relata que cerca de 60 homens participaram do assassinato e que César teria sido esfaqueado 23 vezes. Seu corpo caiu aos pés

da estátua de Pompeu, o antigo rival que ele havia derrotado poucos anos antes.

in <https://ensinarhistoria.com.br/>

JEANNE D'ARC AU BÛCHER DE PAUL CLAUDEL

O seu encontro com o Delfim Carlos, foi uma 'flechada'. Mas não no sentido romântico, e sim como um senhor diante do seu vassalo disposto a tudo. Rapidamente lhe foi fornecido tudo o que era necessário para a luta; armadura, armas, cavalo, coisas tão necessárias quanto inalcançáveis para uma rapariga pobre como ela.

Sobre o que aconteceu na batalha, existem duas versões bem opostas defendidas por diferentes historiadores. Alguns afirmam que Joana não participou com armas, limitando-se a carregar um estandarte, enquanto outros asseguram que não só participou, mas que suas decisões militares foram levadas em consideração porque muitos acreditavam que vinham da inspiração divina; ou seja, que Joana falava pela boca de Deus, algo que inspirava grande respeito num homem medieval. Após sete meses de cerco, os ingleses renderam-se. Joana começou a ser vista como alguém divino pela parte francesa e como alguém "possuído pelo demônio" pela parte inglesa. Com a mentalidade atual, é fácil sorrir perante tal visão, mas assim era a mentalidade medieval e assim devemos encarar a história, sem julgar, apenas analisando para compreender bem o que aconteceu depois.

Os ventos não podiam ser mais favoráveis para a donzela. Tinha do seu lado o futuro rei, a nobreza e o clero. Assim, convenceu o Delfim a avançar em direção a Reims para alcançar a tão desejada coroação. O exército chegou a Reims vitorioso a 16 de julho de 1429 e no dia seguinte o Delfim foi coroado como Carlos VII na catedral. O ataque francês a Paris continuou e foi bem-sucedido a 8 de setembro desse mesmo ano. Joana e a sua família foram enobrecidos pelo Rei em agradecimento aos seus

esforços. A trégua com os Ingleses chegou ao fim e Joana voltou novamente à batalha, mas desta vez não teve a sorte do seu lado e foi capturada pelos Ingleses da facção borgonhesa e levada para Rouen.

"As intenções dos ingleses contra Joana eram de vingança absoluta, então a primeira coisa que fizeram foi acusá-la de heresia e julgá-la por tal ofensa. O tribunal era composto por clérigos pró-ingleses e, como o leitor pode imaginar, cheio de irregularidades e com o único propósito de condená-la à morte."

Ela vestia roupas de soldado. Este ato, que aos nossos olhos parece tão banal, foi motivo para ser acusada de travestismo, algo que, de acordo com a doutrina Católica, deveria ser avaliado considerando o contexto, como Santo Tomás de Aquino havia ditado na Suma Teológica. Em termos de doutrina, o facto de ela se vestir como homem estava justificado para evitar uma violação. Mas nada disse importou e Joana foi condenada à morte no Julgamento de 1431. Joana D'Arc morreu da maneira mais angustiante que se possa imaginar - queimada na fogueira - com a convicção de ter feito o que estava correto. Seu Rei, Carlos VII, nada fez para protegê-la. Em 1920, ela foi canonizada pela Igreja Católica e hoje é uma referência de valor e orgulho para a nação Francesa.

ROMEU E JULIETA DE WILLIAM SHAKESPEARE

Verona é o palco do conflito histórico entre duas famílias tradicionais: os Montecchio e os Capuleto. Por um infortúnio do destino, Romeu, filho único da família Montecchio, e Julieta, filha única da família Capuleto, conhecem-se durante um baile de máscaras e apaixonam-se perdidamente.

Romeu já estava enamorado de Rosalina quando conheceu a filha da família rival. Encantado pela moça, desmanchou o

compromisso que tinha com Rosalina e fez de tudo para ficar com a sua alma gêmea.

Julieta também tinha planos futuros com Páris, um rapaz de nome em Verona, no entanto, abandona todos os desejos da família para seguir o seu coração.

Juntos, Romeu e Julieta vivem um amor proibido e idealizado, condenado pela família de ambos. Casam-se às escondidas. Por uma briga que acaba gerando a morte de Teobaldo (primo de Julieta) e Mercúrio (amigo de Romeu), o príncipe de Verona resolve exilar Romeu. Desesperada com a partida do amado, Julieta pede auxílio ao frade franciscano que realizou o casamento.

A ideia do frade é que Julieta tome uma poção que faça com que ela pareça morta. Romeu, ao receber a notícia da suposta morte da mulher, entra em desespero e compra uma substância para provocar a própria morte.

Ao encontrar Julieta desacordada na cripta dos Capuleto, crê na morte da amada e toma o veneno que havia trazido. Julieta, ao acordar, descobre que o amado está morto e, com um punhal, também dá cabo da própria vida.

A história de amor é trágica, o único consolo que resta ao leitor é saber que, após as catastróficas mortes dos protagonistas, as famílias Montecchio e Capuleto decidem fazer um acordo de paz.

SUPLÍCIO DE DAMIENS

"A mais horrível das Mortes" - A Execução do Cidadão Damiens em Paris



Robert François Damiens tinha 42 anos de idade quando morreu de forma medonha.

Ele foi morto em uma tarde fria em 28 de março de 1757. O tamanho do horror infligido a ele ainda nos assombra. Não apenas em função dos detalhes grotescos e da narrativa das várias testemunhas que estiveram presentes ao suplício encenado na Place de Greve, Centro de Paris, mas por ser um daqueles momentos que desafiam a nossa noção de civilização. Que tipo de pessoa realiza tal coisa? Que tipo de criaturas produzem tamanho horror de forma proposital?

Para muitos, a execução do Cidadão Damiens foi um dos pontos mais baixos da história humana. O equivalente em pequena escala ao Holocausto e aos Campos da Morte. Um momento em que deliberadamente não se matou uma pessoa, mas se vitimou a humanidade como um todo. Eles fizeram o que fizeram, por que podiam, e por que ninguém fez nada para pará-los.

O crime de Damien foi agredir o Rei Luis XV e feri-lo com um canivete. Damiens, era um humilde serviçal doméstico que trabalhava no Colégio Jesuíta de Paris. Até então, contaram as pessoas que o conheciam, ele jamais havia dado sinal de ser um indivíduo violento. Mas o que o levou a atacar o homem mais poderoso da França? Alguns acreditam que ele era membro dos Jansenitas, uma seita cristã tratada como herética e que

criticava abertamente a monarquia e seus excessos. Para alguns, ele tinha problemas mentais e interpretou equivocadamente as palavras de um pastor em seu sermão. Acreditava que matasse o Rei, iria para o paraíso. Seja com for, não há dúvidas de que ele agrediu o monarca, ainda que alguns levantem suspeitas de que sua intenção não era matá-lo. Após o ataque desajeitado, Damiens foi capturado e levado para uma masmorra. Lá foi torturado para que revelasse o nome de possíveis comparsas. Torturado com pinças em brasa, ele jurou que havia agido sozinho e que não era parte de uma conspiração. Terminaram acreditando nele. O Parlamento de Paris acusou o réu de "Tentativa de Regicídio", uma transgressão tão ofensiva e grave que, segundo os promotores, merecia uma punição à altura. Não houve julgamento ou inquérito formal, as testemunhas deixaram claro que ele era culpado. E se as testemunhas não fossem suficientes, a versão dada pelo Rei não deixava dúvidas de que o homem preso na Masmorra era responsável pelo ataque.

A sentença foi proferida: Damiens seria levado para a Place de Greve e lá despedaçado por cavalos.

REVOLUÇÃO FRANCESA

Antecedentes históricos da Revolução Francesa

Até o século XVIII, a França era um estado em que vigia o modelo do absolutismo monárquico. O então rei francês, Luís XVI, personificava o Estado, reunindo em sua pessoa os poderes legislativo, executivo e judiciário. Os franceses então não eram cidadãos de um Estado Democrático Constitucional, como hoje é comum em todo o mundo ocidental, mas eram súditos do rei. **_Causas da Revolução Francesa**

No fim da década de 1780, a **burguesia, os trabalhadores urbanos e os camponeses** começaram a exigir uma resposta do rei e da Corte à crise que os afetava, bem como **passaram a reivindicar direitos** mais amplos e maior representação dentro da estrutura política francesa.

Em julho de 1788, houve a **convocação dos Estados Gerais**, isto é, uma reunião para deliberação sobre assuntos relacionados à situação política da França. Nessa convocação, o conflito entre os interesses do Terceiro Estado e os da nobreza e do Alto Clero, que apoiavam o rei, se acirraram.

O rei então estabeleceu a Assembleia dos Estados Gerais em 5 de maio de 1789, com o objetivo de **decidir pelo voto os rumos do país**. Entretanto, os votos eram por representação de Estado. Sendo assim, sempre o resultado seria dois votos contra um, ou seja: Primeiro e Segundo Estados contra o Terceiro. Fato que despertou a indignação de burgueses e trabalhadores.

A burguesia, que liderava o Terceiro Estado, propôs em 10 de junho uma **Assembleia Nacional**, isto é, uma assembleia para se formular uma nova Constituição para a França. Essa proposta não obteve resposta por parte do rei, da nobreza e do Alto Clero. Em 17 de junho, burgueses, trabalhadores e demais **membros do Terceiro Estado se declararam em reunião** para formulação de uma Constituição, mesmo sem a resposta do Primeiro e do Segundo Estados. Ao mesmo tempo, começava um **levante popular em Paris e outro entre os camponeses. A Revolução se iniciou**.

Em 14 de julho de 1789, **a massa de populares tomou a Bastilha**, a prisão que era símbolo do Antigo Regime e, em 4 de agosto, a Assembleia Nacional instituiu uma série de decretos que, dentre outras coisas, cortava os privilégios da nobreza, como a isenção de impostos e o monopólio sobre terras cultiváveis.

A Assembleia instituiu a **Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão**, que reivindicava a condição de cidadãos aos franceses e não mais de súditos do rei. Em setembro de 1791, foi promulgada a **nova Constituição francesa**, assegurando a cidadania para todos e pressionando o monarca Luís XVI a aceitar os seus critérios. Essa Constituição previa ainda:

- a igualdade de todos perante a lei,
- o voto censitário,
- a confiscação das terras eclesiásticas,
- o fim do dízimo,

- a constituição civil do clero, dentre outros pontos.

A partir desse momento, a França revolucionária esboçou o seu primeiro tipo de novo governo, a **Monarquia Constitucional**, que durou de 1791 a 1792.

in <https://www.historiadomundo.com.br/>

AS MULHERES E A REVOLUÇÃO

A Revolução Francesa (1789-1799) procurou dismantelar a sociedade opressora do antigo regime e construir um novo mundo baseado nos princípios de “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”. Esse impulso para a mudança social levou a um crescente movimento feminista em Paris, à medida que líderes mulheres emergiam para defender causas revolucionárias e feministas.

Antes da Revolução, as mulheres eram consideradas cidadãs "passivas", incapazes de agir politicamente, cujas decisões tinham de ser tomadas pelos homens. Como em muitos aspectos da sociedade, esses papéis tradicionais de género foram desafiados durante a Revolução Francesa.

As mulheres demonstraram sua própria atuação política instigando e liderando alguns dos momentos-chave da Revolução; por exemplo, a Marcha das Mulheres em Versalhes e o assassinato de Marat por Charlotte Corday foram momentos que exemplificaram as ações de mulheres que se consideravam patriotas. Elas fizeram suas vozes serem ouvidas por meio de panfletos e jornais e até saíram às ruas, criando seus próprios clubes políticos e milícias só para mulheres.

Quatro mulheres participaram de algumas das ações mais importantes da Revolução e tornaram-se influentes na política revolucionária, promovendo a causa feminista num dos momentos mais importantes e voláteis da história dos direitos humanos. Algumas promoveram os direitos das mulheres

intencionalmente, enquanto outras o fizeram como um subproduto de sua zelosa participação na Revolução mais ampla. Germaine de Staël e Olympe de Gouges, eram mulheres de letras que expressavam seus ideais com caneta e papel, promovendo discussões políticas com as elites e intelectuais de Paris em seus salões. Pauline Léon e Théroigne de Méricourt, foram organizadoras, ambas formando seus próprios clubes políticos e participando de algumas das ações mais importantes da Revolução. Estas são apenas quatro mulheres cujas lideranças afetaram a Revolução Francesa e promoveram a causa feminista em um dos momentos mais importantes e voláteis da história dos direitos humanos.

in World History Encyclopedia

CAROLINA BEATRIZ ÂNGELO

Carolina Beatriz Ângelo (1879-1911) formou-se em medicina e foi a primeira mulher em Portugal a realizar uma cirurgia e a votar numa eleição, aproveitando um lapso legal da legislação eleitoral. Liderou o movimento feminista, o movimento republicano feminino e ajudou a costurar as bandeiras republicanas utilizadas na Revolução de 5 de outubro de 1910.

Nascida na Guarda, licenciou-se em medicina em 1902 e, no mesmo ano, casou com o primo, Januário Barreto, também médico e republicano. A partir de 1906 adere e participa em comités e associações ligadas às ideias republicanas. Surge também associada à Maçonaria.

À data da Revolução de 5 de outubro, Carolina Beatriz Ângelo, já viúva, era dirigente da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas e quando aconteceram as primeiras eleições encontrou forma de utilizar a lei para votar. O código eleitoral atribuía o direito de voto a “todos os portugueses maiores de vinte e um anos, à data de 1 de maio” de 1911, “residentes em território

nacional”, que sabiam “ler e escrever” e eram “chefes de família.”

Apesar de estar subentendido que apenas aos homens seria autorizada o voto, a letra da lei não era clara neste aspeto. Como tinha formação superior e, viúva, era por isso chefe de família, Beatriz Ângelo entendeu que reunia as condições para votar, tendo pedido para ser incluída os cadernos eleitorais. Tanto a Comissão de Recenseamento como o Ministério do Interior rejeitaram o seu requerimento, mas uma decisão judicial deu-lhe razão.

Foi a primeira mulher portuguesa a votar em eleições para a Assembleia Nacional Constituinte, o que mereceu a cobertura da imprensa europeia.

ESTATUTOS DO HOMEM

Amadeu Thiago de Mello (Barreirinha, 30 de março de 1926 — Manaus, 14 de janeiro de 2022) foi um poeta, jornalista e tradutor brasileiro. Foi considerado um dos poetas mais influentes e respeitados no país, reconhecido como um ícone da literatura regional. Sempre se destacou pela defesa dos direitos humanos e da justiça social. Sua obra é marcada por um forte engajamento social e político, e seus poemas são frequentemente usados como instrumentos de luta por causas nobres. Foi adido cultural na Bolívia e no Chile, mas teve sua carreira interrompida pelo golpe de 1964. Durante a ditadura (1964-1985) foi preso e depois se exilou no Chile, onde encontrou Pablo Neruda, um amigo e colaborador.

Seu poema mais conhecido é Os Estatutos do Homem, onde o poeta chama a atenção do leitor para os valores simples da natureza humana, por ver a tortura se institucionalizar como método de interrogatório. Foi essa indignação resultou no seu poema.

“Os Estatutos do Homem, escrito por Thiago de Mello em 1964, decretou a esperança como a mais sublime obrigação humana.

O texto afirma valores como a fé no futuro, a alegria e a vocação pela paz, ultrapassando fronteiras e inspirando milhões. Os Estatutos estabelecem um mundo onde os homens confiam uns nos outros e vivem em harmonia”.

“Um dos poemas mais conhecidos da literatura brasileira, tem como tema fundamental a defesa da liberdade, da esperança e da justiça. O texto se destaca na obra do poeta pelo seu significado histórico e pela beleza poética. É também um dos poemas mais traduzidos da nossa literatura”.

Fica decretado que agora vale a verdade. Agora vale a vida, e de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira.

Fica decretado que todos os dias da semana, inclusive as terças-feiras mais cinzentas, têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

Fica decretado que, a partir deste instante, haverá girassóis em todas as janelas, que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra; e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança.

Fica decretado que o homem não precisará nunca mais duvidar do homem. Que o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento, como o vento confia no ar, como o ar confia no campo azul do céu.

O homem, confiará no homem como um menino confia em outro menino.

Fica decretado que os homens estão livres do jugo da mentira. Nunca mais será preciso usar a couraça do silêncio nem a armadura de palavras. O homem se sentará à mesa com seu olhar limpo porque a verdade passará a ser servida antes da sobremesa.

Fica decretado que a maior dor sempre foi e será sempre não poder dar-se amor a quem se ama e saber que é a água que dá à planta o milagre da flor.

Fica permitido que o pão de cada dia tenha no homem o sinal de seu suor. Mas que sobretudo tenha sempre o quente sabor da ternura.

Fica permitido a qualquer pessoa, qualquer hora da vida, uso do traje branco.

Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama e que por isso é belo, muito mais belo que a estrela da manhã.

Decreta-se que nada será obrigado nem proibido, tudo será permitido, inclusive brincar com os rinocerontes e caminhar pelas tardes com uma imensa begônia na lapela.

Só uma coisa fica proibida: amar sem amor.

Fica decretado que o dinheiro não poderá nunca mais comprar o sol das manhãs vindouras. Expulso do grande baú do medo, o dinheiro se transformará em uma espada fraternal para defender o direito de cantar e a festa do dia que chegou.

Fica proibido o uso da palavra liberdade, a qual será suprimida dos dicionários e do pântano enganoso e das bocas. A partir deste instante, a liberdade será algo vivo e transparente como um fogo ou um rio, e a sua morada será sempre o coração do homem.

"Os Estatutos do Homem" é um livro que deve ser lido por todos aqueles que se interessam por direitos humanos e justiça social. É uma obra-prima da poesia brasileira, que nos faz refletir sobre a importância de respeitar os direitos humanos e nos inspira a lutar por um mundo mais justo e humano".

REVOLUÇÃO MEXICANA E A GUERRA CIVIL ESPANHOLA

A Revolução Mexicana foi um conflito armado que começou em 1910, como resultado do descontentamento popular para com a ditadura de Porfírio Díaz, e que se transformou numa guerra civil que radicalmente alterou as estruturas políticas e sociais do México.

Durante esse movimento, houve muitos personagens que até hoje são lembrados pelas suas façanhas e a sua participação na Revolução Mexicana; no entanto, entre todas as pessoas que participaram, algumas se destacaram mais do que outras, nomeadamente as 'Adelitas'.

Como eram conhecidas as 'Adelitas' e qual era o seu papel durante a Revolução Mexicana?

As Adelitas simbolizavam as mulheres que enfrentavam as adversidades com coragem. Foi durante o período de 1914 a 1917 que a afiliação revolucionária das enfermeiras se tornou explícita e correspondia aos corpos do exército nos quais prestavam serviço.

As mulheres apelidadas de Adelitas cuidaram dos feridos, atuaram como espias, forneceram alimentos para os acampamentos, protegeram a honra das jovens e levantaram-se contra a injustiça social que oprimia os trabalhadores rurais. Da mesma forma, exigiram os seus direitos como mulheres e cidadãos do México. Em situações necessárias, as Adelitas também se uniram à luta e tiveram que empunhar armas de fogo para participar do conflito.

A intervenção das Adelitas ocorreu em diferentes áreas que naquela época eram designadas aos homens, desde a produção agrícola, o uso de armas de fogo e o design de estratégias militares. Além disso, desempenharam papéis importantes no jornalismo, na fundação de clubes femininos, no ativismo político e na literatura durante o conflito.

As ações e tudo o que envolveu essas mulheres foram determinantes para que a mulher fosse reconhecida como quebra de paradigmas sociais patriarcais. Isso representou uma libertação feminina que abriu caminho para a democracia.

É fascinante descobrir a origem do nome 'Adelitas' e o significado por detrás dele. Adela Velarde Pérez, uma jovem corajosa de apenas 15 anos, uniu-se à Revolução Mexicana, apoiando a Associação Mexicana da Cruz Branca em tarefas de enfermagem, sob a liderança de Leonor Villegas. O seu gesto aos e aproximar de Leonor Villegas e expressar a sua vontade de servir nas fileiras é verdadeiramente inspirador. Adela dedicou-se a cuidar dos feridos e permaneceu na brigada até à chegada à capital em 1914.

O apelido de 'Adelitas' foi dado às mulheres-soldado que, durante a Revolução, cuidavam dos feridos, carregavam armas, preparavam alimentos e, em momentos de necessidade, também lutavam. Adela nasceu em 1900 na cidade de Juárez, Chihuahua e faleceu nos Estados Unidos. Os seus restos mortais estão localizados no cemitério de San Felipe em Del Rio, Texas, onde anualmente as pessoas se reúnem ao redor do túmulo da mulher que inspirou até mesmo uma das músicas mais icónicas da Revolução Mexicana.

'La Adelita' é o nome da famosa canção inspirada em Adela. Foi ela quem inspirou o compositor e sargento, Antonio del Rio Armenta, que pertencia às tropas de Villa, a escrever essa música icónica que perdura até hoje. É

uma canção folclórica mexicana surgida durante a revolução. Narra a história da paixão de uma jovem por um sargento:

*En lo alto de una abrupta serrañía
Acampado se encontraba un regimiento
Y una moza que valiente los seguía
Locamente enamorada del sargento*

*Popular entre la tropa era Adelita
La mujer que el sargento idolatraba
Porque a más de ser valiente, era bonita
Que hasta el mismo coronel la respetaba*

*Y se oía
Que decía
Aquel tanto la quería*

*Y si Adelita quisiera ser mi novia
Y si Adelita fuera mi mujer
Le compraría un vestido de seda
Para llevarla a bailar al cuartel*

*Y si acaso, yo muero en la guerra
Y mi cadáver lo van a sepultar
Adelita, por Dios, te lo ruego
Que por mí, no vayas a..., llorar!*

in <https://www.infobae.com/mexico/2023/11/20/adelitas-por-que-se-les-llamaba-asi-y-cual-fue-su-papel-durante-la-revolucion-mexicana/>

GUERRA CIVIL ESPANHOLA

A Espanha enfrentou um conflito que opôs, durante três anos, dois grupos armados opostos que lutaram pelo controlo do Estado.

De um lado, o bloco dos republicanos, designados de “vermelhos” ou “comunistas” pelos inimigos. Era constituído pelas forças políticas de esquerda, que defendiam o governo da Segunda República.

No campo político oposto estavam os insurgentes, os “fascistas”, segundo os seus inimigos. Eram militares que se tinham sublevado contra o governo republicano e que contavam com o apoio dos grupos de direita contrarrevolucionários e antirrepublicanos. O conflito dividiu o país e dividiu as famílias entre os que apoiavam os rebeldes e os que se mantinham fiéis ao governo republicano. O uso da violência extrema foi generalizado.

A internacionalização do conflito, com as grandes potências a intervirem e a apoiarem uma das facções, contribuiu para que a Guerra Civil de Espanha se tornasse numa espécie de antecâmara da Segunda Guerra Mundial. A guerra ficou marcada pelo uso generalizado da violência pelos dois campos em confronto.

Também Portugal se posicionou perante o conflito que assolava a Espanha. António de Oliveira Salazar deu apoio logístico, informativo, diplomático e material aos sublevados. Fê-lo discretamente, por temer a reação que esse apoio poderia provocar junto da Grã-Bretanha.

O ditador português acreditava que o futuro do regime também estava em jogo e que o desfecho do conflito no país vizinho poderia pôr em causa a sobrevivência do Estado Novo, caso os republicanos saíssem vitoriosos. Por isso, o regime permitiu que os insurretos circulassem em Portugal e forneceu-lhes mantimentos, armas e munições.

Um dos episódios mais impressionantes da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) aconteceu na Universidade de Salamanca, em 12 de outubro de 1936, durante o Festival da Raça Espanhola, com a presença de nacionalistas, da mulher do general Francisco Franco e do general Millán Astray, fundador da Legião Estrangeira.

Alguém soltou o grito de guerra da Legião Estrangeira: “Viva la muerte!” Millan Astray deu o mesmo grito.

Miguel de Unamuno y Jugo nasceu em Bilbao, no País Basco, em 29 de setembro de 1864. Depois de frequentar o Instituto Vizcaino

de Bilbao, ingressou na Universidade de Madrid em 1880 e em quatro anos doutorou-se em filosofia e letras. Seis anos depois obteve a cátedra de língua e literatura gregas da Universidade de Salamanca, da qual foi nomeado reitor em 1901.

O filósofo basco Miguel de Unamuno, reitor da Universidade de Salamanca, levantou-se e, com sua voz baixa, rebateu: “Todos vocês esperam as minhas palavras...” Ao término de sua réplica, Unamuno disse: “Consegui”. Os falanquistas queriam linchá-lo, mas a presença da mulher de Franco conteve os agressores. Franco disse que o filósofo deveria ter sido fuzilado. “Isso não foi feito por causa da fama internacional do filósofo e da reação causada no exterior pelo assassinato de Lorca. Mas Unamuno morreu seis semanas depois, deprimido e amaldiçoado como ‘vermelho’ e traidor por aqueles que pensou eram seus amigos”, relata Antony Beevor.

In <https://ensina.rtp.pt/>

‘Si me quieres escribir’, também conhecida como *Ya sabes mi paradero* e *El frente de Gandesá*, é uma das canções da Guerra Civil Espanhola mais famosas e conhecidas, composta durante a Batalha do Ebro, em 1938. A melodia foi baseada numa antiga canção das unidades militares espanholas que combateram na Guerra do Rife, ao norte do Marrocos, na década de 1920.

Si me quieres escribir

Ya sabes mi paradero

Si me quieres escribir

Ya sabes mi paradero

En el frente de batalla, primera línea de fuego

En el frente de batalla, primera línea de fuego

Si tú quieres comer bien, barato y de buena forma

Si tú quieres comer bien, barato y de buena forma

*En el frente de batalla, allí tienen una fonda
En el frente de batalla, allí tienen una fonda*

PABLO NERUDA

3 de fevereiro de 1935, o poeta chileno Pablo Neruda viaja a Madrid para assumir o cargo de cônsul do Chile perante o Governo Espanhol. Ele será testemunha dos bombardeamentos que as tropas de Franco infringem na população civil.

O dramaturgo Harold Pinter no seu Discurso de agradecimento do prêmio Nobel de Literatura no ano de 2005, cita Neruda porque em mais nenhuma poesia lírica contemporânea conseguiu ler uma tão poderosa e visceral descrição do que é um bombardeamento de civis.

ESPAÑA NO CORAÇÃO

[EXPLICO ALGUMAS COISAS]

*Perguntarão: e onde estão os lilases?
E a metafísica coberta de amapolas?
E a chuva que pouquinho golpeava
suas palavras enchendo-as
de buracos e pássaros?*

Vou contar-te tudo o que me passa.

*Eu vivia em um bairro
de Madrid, com sinos,
com relógios, com árvores.*

*Dali se via
o rosto seco de Castela
como um oceano de couro.*

*Minha casa era chamada
a casa das flores porque em toda parte
estalavam gardênias: era
uma bela casa
com cães e crianças.*

Recordas, Rafael? Raul, recordas?

Federico, te recordas

*debaixo da terra,
te recordas da minha casa com sacadas onde
as luzes de junho afogavam flores na sua boca?
Irmão, irmão!*

*Tudo
eram grandes vozes, sal de mercadorias,
aglomerações de pão palpitante,
mercados do meu bairro de Argüelles com a sua estátua
como um tinteiro pálido entre as bebedeiras:
o azeite enchia as colheres,
uma profunda batida
de pés e mãos enchia as ruas,
metros, litros, essência
aguda da vida,
peixes amontoados,
com textura de tetos com sol frio no qual
a flecha se fatiga,
delirante marfim fino das batatas,
tomates repetidos até o mar.*

*E uma manhã tudo estava ardendo
e uma manhã as fogueiras
saíam da terra
devorando seres
e desde então sangue.
Bandidos com aviões e com mouros
bandidos com anéis e duquesas
bandidos com frades negros e benzendo
vinham, pelo céu, matar crianças
e pelas ruas o sangue das crianças
corria simplesmente, como sangue de criança.*

*Chacais que o chacal rechaçaria,
pedras que o cardo seco morderia cuspiendo,
víboras que as víboras odiariam!*

*Diante de vocês vi o sangue
da Espanha levantar-se
para afoga-los numa só onda
de orgulho e de punhais!*

*Generais
traidores:
olhem minha casa morta,
olhem a Espanha arrebetada:
mas de cada casa morta sai metal ardendo
em vez de flores,
mas de cada buraco da Espanha
sai Espanha,
mas de cada menino morto sai um fuzil com olhos,
mas de cada crime nascem balas
que lhes encontrarão um dia o lugar
do coração.*

*Perguntarão porque a sua poesia
não nos fala do sonho, das folhas,
dos grandes vulcões do seu país natal?*

*Venham ver o sangue pelas ruas,
venham ver*

*o sangue pelas ruas,
venham ver o sangue
pelas ruas!*

REVOLTA E MOTINS POPULARES NA MADEIRA

MOTIM DOS PROFETAS | 1533

No século XVI, a Ilha de Porto Santo era habitada por gente Cristã, analfabeta, mas esperta e honrada, que trabalhava a terra.

Aconteceu, segundo dizem, “por obra dos Demónios da Terra”, que Fernão Nunes, com 28 anos, filho de um honrado agricultor, Bartolomeu Nunes, morador no sítio do Farrobo, decidiu embarcar, como “grumet de convés”, na caravela Sant’Ana, onde viajou pelas costas de África, ao lado de marinheiros Portugueses, tendo desde logo se destacado dos seus companheiros, pela sua coragem e bravura, na defesa das suas vidas, bens da Pátria, Fé Cristã e Glória do Rei de Portugal. Apelidaram-no de Fernão “O Bravo”.

No mar, por onde andou durante 12 anos, o seu amigo e confessor ensinou-o a ler e a escrever. Quando Fernão regressa ao Porto Santo, cheio de medalhas, alguns livros, papiros e uma Bíblia, copiada da origem e transcrita pelo próprio, continua a ajudar o seu pai, na zona da antiga Ermida de Nossa Senhora da Graça, onde escondia os seus escritos...!

Muito religioso, Fernão Bravo costumava ir à Missa, todos os Domingos e nunca ouvia o Vigário, seu tio, ler a Bíblia, o que armou grande confusão na sua cabeça, levando-o a questionar. Não satisfeito com as respostas, tentou chegar ao Povo escravizado, fazendo-o revoltar-se contra “os ladrões e comerciantes do Templo”. O Povo foi-se deixando levar pelo pastor, até que, um dia, três habitantes da Ilha que não acreditavam nas palavras de Fernão, considerando-o um impostor, foram a Machico pedir ajuda às autoridades. O pastor foi preso juntamente com a sua sobrinha Filipa, que também estava envolvida, e mandados para o tribunal de El-Rei, condenados a estarem à porta da Sé de Évora durante a missa de Terça, com círios acesos na mão e grandes letrados, onde estava escrito: “**Profetas do Porto Santo**”.

Revolta da Pedrada | 1868

Esta Revolta, contra a aplicação do Decreto sobre o Sistema Métrico Decimal e a abolição do Imposto indirecto sobre a Eira e o Lagar, que havia sido substituído pela contribuição predial, para o que se procedia ao arrolamento das propriedades nos livros das matrizes para esse efeito, teve especial incidência no Concelho de S. Vicente, ficando assim referenciado, como o mais tumultuoso.

Neste Concelho, a campanha eleitoral para as eleições concelhias foi violenta. A população da Boaventura revelava azedume face ao Juiz ordinário, pelos excessos cometidos.

Sabendo da relutância do Povo em relação ao imposto da Contribuição Predial e dos Pesos e Medidas, fomenta entre eles a revolta, encontrando em António de Abreu, um ex-soldado, que viera com baixa de Lisboa, o cabecilha do movimento. Este tinha fama de arruaceiro e foi aliciado com dinheiro e vinho, pelo Juiz e apoiado pela criada deste, Maria da Vitória, que, à imagem da Maria da Fonte, foi porta-voz do seu amo.

Os pormenores foram combinados para eclodir na saída da missa de Domingo de Páscoa, tendo António de Abreu recrutado os rapazes mais fortes e destemidos da freguesia.

Estes, em manifestação, foram de venda em venda buscar os Pesos e Medidas para atirar ao mar e também à casa do aferidor. No regresso do calhau, os manifestantes dirigiram-se à Câmara, destruindo o arquivo, reduzindo-o a cinzas.

Revolta da Parreca (Paróquias) | 1887

A célebre «Parreca», aconteceu em 1887 tendo havido desacatos por toda a Ilha, com especial incidência no Caniço, no Faial, Ponta do Sol, Santana, São Jorge, quando o Governador Civil - Conde de Canavial, tentou introduzir na Madeira as «Juntas de Paróquia» que, iriam acarretar mais impostos e menos financiamento autárquico.

A dimensão foi de tal ordem, sendo necessário reforçar as medidas, com o envio de batalhões militares dos Açores e de Lisboa.

Em 23 de Outubro de 1887, estalou em Gaula a primeira rebelião, verificando-se várias manifestações e distúrbios causados pelo Povo daquela localidade, principalmente pelas mulheres. Três dias depois, cerca de quatrocentos camponeses vindos de Gaula e da Camacha, manifestaram-se junto da Igreja de Santa Cruz e, só dispersaram após a promessa do Administrador do Concelho, de que não seria instalada a Junta de Paróquia.

Mesmo assim, a Revolta estendeu-se a todos os Concelhos, com a exceção do Funchal e Câmara de Lobos.

Em dezembro, verificaram-se arruaças no Campanário, Ribeira Brava e Porto Moniz, nos quais foram espancados vários Funcionários públicos.

Os tumultos foram significativamente mais graves no Concelho de Santana, onde as populações do Faial, de São Jorge e da Boaventura, se manifestaram com ferocidade, espancando várias figuras públicas, entre elas, o Pároco do Faial.

MOTIM DA CÓLERA (Chólera Morbus) | **1894**

O final do século XIX e início do XX foram fustigados pelo espectro da morte, com o avanço da cólera (Chólera Morbus).

O Povo madeirense, isolado geograficamente, não queria ficar exposto a esta doença terrível, que estava a ceifar milhares de vidas pela Europa fora.

Deste modo, em 1894, populares manifestaram-se à entrada da cidade, porque tinham sido largados passageiros vindos de Lisboa, onde se dizia que já grassava a doença, obrigando as autoridades a isolar os doentes no Lazareto.

Entretanto, o Povo perseguiu aquele que considerava o principal responsável – Dr. Balbino Rego.

Após a Implantação da República, deflagrou na Madeira mais um surto de cólera que durou - entre outubro de 1910 a fevereiro de 1911, fazendo recordar idênticas epidemias ocorridas na Ilha em 1856 e em 1905-06, provocando graves alterações da ordem pública, em Câmara de Lobos e, de forma mais violenta, na Vila de Machico.

REVOLTA DA FARINHA | 1931

Os anais da história registam que, em 1466, os madeirenses protestaram vivamente, pela 1ª vez, contra o envio da saca de mil moios para a Guiné. Reivindicavam ao Poder Central, na pessoa de D. Fernando, que esse trigo não deveria ser embarcado, mas sim distribuído na própria Ilha.

Já em 1694, o Povo revolta-se contra William Bolton, devido ao preço da farinha.

A República sempre mostrou alguma preocupação, mas nunca quis ou foi capaz de resolver os problemas decorrentes do regime cerealífero e em 1915 teve lugar o 1º Motim, contra o Decreto de 30 de junho de 1906.

Os Motins continuaram em 1920, sendo o principal alvo, os Moageiros. Constava que estes juntavam grão-de-bico e outros ingredientes, o que prejudicava a qualidade da farinha.

Um Decreto de 1923 extingue o sistema de monopólio, mas a publicação de outro, permite que a farinha e o trigo encareçam, reavivando os ânimos populares.

Em 26 de Janeiro de 1931, o Governo faz publicar em [Diário da República](#) o **Decreto nº 19.273, “Decreto da Fome”**, que acabava com a livre importação de trigo e farinhas, criando-se um regime de monopólio controlado por um grupo de proprietários das fábricas de moagens. A divulgação do Decreto a 4 de fevereiro foi o rastilho da Rebelião Popular.

Os Motins alastraram-se na cidade, perdurando até 9 de fevereiro. Os populares saquearam as moagens, sendo a Companhia Insular de Moinhos o alvo principal. Destes desacatos, resultaram 5 mortos e muitos feridos.

REVOLTA DA MADEIRA | 1931

A Revolta da Madeira foi um movimento preparado e organizado contra a Ditadura, nomeadamente contra a repressão que vinha agravando a vida dos populares e militares que participavam nos tumultos. Aviões lançaram panfletos, dizendo que, se não se rendessem, seriam bombardeados.

A deportação iminente, (para a Guiné e Açores) de alguns dos intervenientes na Revolta da Farinha fez apressar os acontecimentos. O processo foi conseqüentemente preparado por estes políticos republicanos, com adesão dos militares da Força Especial.

A Revolta da Madeira não foi um fenómeno isolado. Enquadrava-se na contestação generalizada de alguns sectores militares e civis, do Regime saído do 28 de maio de 1926.

Nos anais da História da ditadura e da luta anti-fascista, este acontecimento assume uma posição de relevo, pois foi o único momento da História Contemporânea que, até hoje, mereceu honras de historiografia Nacional e Internacional. Este feito permitiu que - entre 4 de abril a 3 de maio, a Madeira, tivesse em pleno exercício de funções, um Governo Provisório.

Para a Madeira, a extinção do ideal autonómico, bem como as represálias de ordem económico-financeira surgem como principais desfechos.

A crise económica que adveio da consequência da recessão Internacional de 1929 provocou danos profundos na sociedade madeirense.

A população apoiou a Revolta da Madeira, garantindo aos Militares logística e informações.

A Revolta da Madeira foi o princípio do fim do Movimento contra a ditadura, e ficou conhecida como - "Revirvalho".

REVOLTA DO LEITE | 1936

Apesar de terem sido sete os Concelhos mais envolvidos, a Revolta teve maior expressão no Faial - Santana, com ajuntamentos da população em redor da Igreja.

Era pároco desta freguesia César Miguel Teixeira da Fonte, que, em abril, tinha sido abordado por agricultores acerca do **Decreto-lei 26 655, de 4 de Junho de 1936** - que cria a Junta Nacional de Lacticínios da Madeira, algo que não andava longe do que o povo pressentia - defesa dos interesses das duas maiores empresas.

Houve muitas intrigas no concelho de Santana contra o Padre por parte de algumas “forças vivas”, designadamente do Secretário da Câmara, Alexandre César Teixeira de Mendonça, também diretor de uma unidade de produção de manteiga da fábrica Burnay, instalada no Concelho.

A agitação estende-se por mais de um mês (agosto e boa parte de setembro) pelos concelhos já referidos. São Vicente adere à Revolta. Houve várias manifestações, sendo necessária a intervenção da polícia para proceder a prisões. O Povo em muitos casos, enfrentou a polícia. Em Machico e Ribeira Brava a agitação resultou em algumas mortes.

O Padre Teixeira da Fonte acabou por ser preso, a 11 de Setembro na pensão do Funchal, onde costumava pernoitar. Depois foi conduzido para a prisão de Caxias, onde permaneceu até 30 de junho de 1937.

O número de prisioneiros foi tão avultado, faltando espaço para os acomodar. Foi necessário recorrer ao Lazareto. Três semanas após o início da Revolta, estavam detidos, no Lazareto, 240 homens e, no subterrâneo, as mulheres de Machico e Santa Cruz, que aí permaneceram detidas durante dez meses.

A destacar a prisão de dez mulheres, todas do Concelho da Ribeira Brava, na cadeia das Mónicas-Lisboa, onde tiveram que conviver com prostitutas, ladras e assassinas.

A REVOLTA DAS ÁGUAS | LOMBADA DA PONTA DO SOL | 1962

A revolta das ÁGUAS foi um levantamento popular para impedir que a Junta Geral desviasse água de rega da levada do Moinho, na Ponta do Sol, para outro canal. O Povo da Lombada da Ponta do Sol e do Lugar de Baixo tinha comprado as suas terras a preço de ouro, porque eram terras de colónia. E compraram-nas com direito à água de rega, como consta da escritura da compra.

Em 1962, o Governador da Madeira mandou fazer uma levada acima da levada dos regantes, de modo a conduzir também aquela água para a hidroelétrica em construção na Calheta. O

Povo da Lombada reagiu, ocupando o cabo da levada, com pessoas permanentemente no local, de dia e de noite, para que os senhores do governo não lhes roubassem a água.

Muitas pessoas foram presas, maltratadas, mas o Povo nunca cedeu. Ocupou o local desde o mês de maio até agosto. Na madrugada do dia 21 de agosto, muitas dezenas de polícias - mais de duas centenas, violentamente abrindo fogo sobre os manifestantes, cercaram-nos, maltrataram-nos, prenderam-nos e balearam a Belmira da Conceição Gonçalves, conhecida como Sãozinha, provocando ainda ferimentos noutras pessoas e inúmeras detenções.

No pós 25 de abril o povo recuperou os seus direitos sobre a água que era sua e faz parte das suas vidas, pois sem água não podem cultivar a terra. A 21 de Agosto de 2012, o Povo da Lombada evocou a revolta das águas, liderado pela professora Gabriela Relvas, irmã da Sãozinha.

A morte da jovem estudante, hoje reconhecida como “heroína e mártir do povo”, ficou evocada nos seguintes versos:

Oh! Sãozinha que morreste
Foi da tua infeliz sorte
O tirano que te matou
Nunca mais há de ter sorte.

O sangue que derramaste
Nas águas livres correu.
Oh! Sãozinha, tu tombaste,
Mas o teu Povo venceu.

REVOLUÇÃO DO 25 DE ABRIL

25 de Abril (Madeira, a Revolução Tranquila) | 1974

O 25 de Abril de 1974, que depôs o regime ditatorial do Estado Novo, no poder desde 1933, foi liderado pelo MFA (Movimento das Forças Armadas), fortemente apoiado pela População.

Até 15 de Maio, o País foi dirigido pela Junta de Salvação Nacional, data em que o General António de Spínola foi nomeado Presidente da República e Adelino da Palma Carlos, Primeiro-Ministro.

Seguiu-se um período de grande agitação, marcado por manifestações, ocupações, governos provisórios, nacionalizações e confrontos militares que terminaram com o 25 de Novembro do mesmo ano. Este período ficou conhecido como o PREC (Processo Revolucionário em Curso).

Por cá, apesar do vaivém de Individualidades entre Lisboa e a Madeira, os efeitos foram sentidos um pouco mais tarde e com contornos diferentes. Rapidamente, pessoas que até então atuavam de forma encoberta, começaram a revelar-se. No entanto, o Povo, na sua maioria, apresentava um comportamento pacífico e apoiava a presença conjunta, de Militares e Polícias nas ruas.

É relevante destacar as duas Personalidades, que mediaram os acontecimentos, entre a Madeira e o Governo Central - O Coronel Carlos Azeredo e o Bispo D. Francisco Santana. Apesar da diferença de carácter, a articulação entre ambos foi cordial e crucial. Só assim foi possível acalmar os ânimos e travar episódios que poderiam ter prejudicado o processo autonómico, que alguns grupos de notáveis estavam a planear.

Os primeiros atos eleitorais livres, aconteceram no Arquipélago, em 1975 e 1976 respetivamente. O 1º para eleger os Deputados que delinearam e aprovaram a Constituição da República, o 2º para escolher os Elementos para a Assembleia da República. Em junho do mesmo ano, sucederam as primeiras eleições para a Assembleia Legislativa da Região Autónoma da Madeira.